

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.



DA MUSICA SAGRADA E DA SUA INFLUENCIA RELIGIOSA.

O seguinte artigo, do distincto pianista Kontski, nos foi enviado por uma das nossas assignantes, pedindo a sua publicação, o que fazemos hoje com muito prazer.

Transportado a novas regiões, lanço em redor de mim um olhar inspirado. Vejo o mundo em que se reflecte o esplendor do Ente sublime que o creou, o Céu como que fermando o tabernaculo do Eterno... a minha fraca intelligencia, curvada para o pó da terra, não pôde com o peso do espectáculo de tão augustas maravilhas: suspende-se silenciosa!...

(HERDER.)

Que missão ha mais bella na terra para o homem, que a de testemunhar a sua profunda gratidão ao Eterno por todas as dadivas com que nos tem beneficiado?! Esta missão incumbe sobretudo aos artistas, pintores, poetas e musicos: sobre tudo estes desempenhão o mais amplo e brilhante papel daquella formosa trindade, porque a musica sagrada é a que mais influe nas multidões, a que penetra no mais recondito do coração humano, e move até a minima fibra da alma christã! E' inherente á nossa santa religião, vivifica tudo, levanta do corpo terreno a alma para transportal-a ás regiões celestes, e antecipadamente lhe deixa entrever o infinito!

E' portanto, repito, a mais bella missão de um artista poder pelo seu talento remontar á mais subida esphera de sua arte, isto é, á composição da musica sacra em toda a sua magestade e belleza. — Entrai n'uma cathedral na occasião da missa solenne, sentireis a sublimidade dessa musica, reboando pelas abobadas os prestígios das harmonias celestiaes, que vos cercão por todos os lados, vos repassão da santidade dos mysterios, e ora vos fazem vertêr lagrimas, ora estremecer, em summa sentir o que em nenhuma outra parte poderíeis sentir, porque ouvis a musica despojada de todas as frivolidades mundanas, e que se torna angelica, magestosa, mystica, cheia de santa inspiração. Que bello drama musical! que sublime pagina da arte, o *Credo!* Que vôo não deve tomar a imaginação do compositor nesta parte da missa, em que de um lado ha de manifestar-se grandissima dor, e do outro o maximo jubilo; dous tão pronunciados contrastes, e tão esplendidos, que cumpre se auxiliem reciprocamente para os grandes effeitos que deve produzir e desenvolver o artista talentoso! E quando no acto da *elevação*, do meio do silencio e recolhimento religioso o órgão, o rei dos instrumentos, faz ouvir aquelles sons tão suaves, tão maviosos, suspirando tão sentida e gravemente. Sois commovido involuntariamente; os vossos pensamentos harmonisão-se com o verbo divino que esta na musica, porque é ella tambem infi-

nita e divina quando não a fazem trivial e profana.

Que objectos ha, com effeito, por mais sagrados que sejam, que não tenham sido desfigurados e profanados? E por isso as cousas santas deixão de ser santas? Não; são e continuão a ser santas.

O homem de costumes depravados, falto de educação, ou com educação viciosa, malevolu, invejoso, odiante, e curto de idéas, sevandijara tudo em que tocar, e não podendo elevar-se á immensidade, rebaixa tudo ao nível de suas acanhadas faculdades: — pelo contrario o homem dotado de alma nobre e generosa, e de educação superior, tendo só pensamentos puros de vícios, e amor pelo bem, cuja vida leal e christã não alimenta rancores, nem invejas, elevar-se-ha ás mais altas regiões do grande, do bello, do sublime. E é isto o que se requer para ser verdadeiramente autor de musica sagrada, dessa musica divina, que deve cantar os louvores de Deus e os santos mysterios da religião christã; dessa musica, que deve despojar-se de toda a porção terrena, e entrar nos caminhos da igreja, pura e santa, perfumada de aroma divino, como virgem innocente e angelica, vestida com a tunica da alvura do cynse, e derramando em torno de si fragranças de santidade.

A musica sacra, considerada sob este aspecto, como apoio da religião, como elevação da alma á Deus, como dotada de immensa influencia religiosa nos fiéis, e o assumpto mais sublime, a missão mais nobre que pôde emprender um artista. Mas quanto deve reflectir na tarefa á que se abalança, tendo a consciencia da sua importancia! Semelhante a Abel, deve offercer a Deus a sua ovelhinha de brançura immaculada: deve offercer a Deus os seus pensamentos mais puros, os seus mais harmoniosos accentos, as suas melodias mais suaves, emfim a essencia do mais mimoso perfume de uma alma verdadeiramente christã. — « Porém (talvez me digão) eredes que todos os que têm composto missas, requiem, psalms, forão como acabais de descrever?... » — De certo que não; mas, por isso, que quantidade não ha de composições de musica ecclesiastica ruins ou triviaes, que mais se parecem a coros e arias de operas e bailes do que á musica sagrada! Quantos organistas julgão tocar órgão, porque conhecem o teclado; e toção musica pessima de piano naquelle instrumento, e assentão assim que são organistas. Não são tal; e protesto com o vigor da minha consciencia artistica contra semelhante barbaria, que avilta a musica sacra, substituindo-a pela ruim musica profana, crime, em meu entender, de lesa-religião, porque, em lugar de augmentar o pio recolhimento de espirito dos fiéis, lhes promove distrações muito pouco edificantes pelos retornellos de genero grotesco, que são executados de um modo nada menos analogo.

E tempo de acabar este abuso da parte mais sublime da nossa arte: é tempo de recuperar a musica sacra o seu lugar com toda a dignidade que reclama a nossa Santa Religião, com toda a pureza de estylo, com todo o fogo e fervor de fama piedosa. Ha muitos compositores que pen-

são que a musica de igreja deve seguir os movimentos do seculo, e por consequencia deve ligar o estylo dramatico-scenico ao da musica sagrada. Que erro tão crasso! Por ventura a nossa Religião é alguma paixão fogosa e mundana? Não: ao contrario requer a abnegação propria, o exercicio das virtudes, alma serena e pura, recolhimento do espirito; propagação do bem, desterro e extermínio dos vícios e paixões impuras; para que pois introduzir na musica sagrada o que não tem este caracter? A musica de igreja deve ser accorde com a Religião, isto é, grandiosa, de pureza virginal, de pio recolhimento, de estylo expurgado de quanto possa recordar a musica mundana. Assim compoz *Paterina*; e nesse estylo tão purificado e tão sublime que escrevia os seus psalms o illustre *Marcello*; entre os mais modernos, citemos *Mozart*, *Hendel*, *Clerubini*. Nas suas composições se reconhece o verdadeiro genio, se patenteia a riqueza da harmonia, se revela a sciencia em toda a sua grandeza e magestade. — Entre os Hespanhoes modernos citaremos o maestro *Eslava*, director da capella real de Madrid, autor tão sciente quanto laborioso, e que por suas obras no genero religioso é uma illustração do seu paiz.

Entre os celebres organistas, não posso omitir o sabedor *San-Clemente*, organista da Sé de Sevilha, e *Gomez*, organista da mesma cidade: Mas quão diminuto é o numero destes artistas conscienciosos?... E', portanto, cousa assentada, que carecemos absolutamente de uma regeneração na musica sagrada. Mas como poderemos obtel-a?... Direi: é sabido que a penna e a tinta estão ao alcance de toda a gente, e o sol resplandece assim para os bons como para os máos. E', pois, cousa facil o escrever; mas escrever bem, não é dado a todos. Haja vista quantos são os sabios autores como *Beethoven*, *Weber*, o abbade *Vogler* e outros que poderia citar.

A sciencia da musica é uma sciencia mui arida, e para isso é preciso entrar nella desde a primeira mocidade: todavia, e apezar das difficuldades que apresenta, vem a ser uma lingua usual para quem a conhece miudamente. O artista, chegado ao apogeu de sua arte, escreve com facilidade e sem embaraços, porque conhece todos os recursos da mesma arte, que emprega segundo a inspiração que possui; pôde assim abalançar-se á grande partitura, á musica dramatica, á de sala, á de igreja, certo de que escreverá musica com correção e sciencia. Todavia cumpre confessar que se pôde escrever sem defeitos, sem contudo possuir o que se chama verdadeiramente talento, genio. O saber não é mais que o regulador; ao passo que o genio é a inspiração, é o voo da alma, é a vida, é tudo... Portanto, quando um homem dotado de imaginação ardente é ajudado de sciencia e trabalho, está no caso de produzir obras immortaes, que lhe sobrevirão, e então é que trabalha como homem eminente, porque trabalha para a posteridade! — Mas, entre os homens dotados dessas qualidades superiores, nem todos podem abranger completamente todos os generos da musica, por que ha sempre um-em que sobresaem com especialidade. Cumpre pois que o artista examine

qual é o genero para o qual acha em si mais tendencia; e que depois tenha sufficiente grandeza d'alma para se desviar dos outros generos. — Na musica sagrada, é a religião que influe sobretudo na imaginação: sem ella não ha sublimidade de pensamentos, visto que a musica é a linguagem do coração, linguagem que não tem rival. O autor desta musica deve possuir a fé necessaria, e a elevação d'alma superior a baixezas e enredos; deve caminhar desembaraçado para a sua batista, afim de que a sua obra seja verdadeiramente religiosa, e possa arrebatá-lo pela força do seu genio as almas de seus ouvintes. A musica sagrada, regenerada em toda a sua pureza, virá a ser um grande apoio da religião catholica. É um elemento novo da sociedade, e o poder deste elemento é incalculavel. — Contemple-se que nos primeiros tempos do christianismo, immediatos aos dos apóstolos, a força da igreja procedeu de philosophos convertidos, os Justinos, os Athenagoras, os Clementes d'Alexandria, os Tacianos, os Tertulianos, os Agostinhos, que pertencêrão ás seitas philosophicas antes de serem defensores da verdadeira religião! Facil será de comprehender o que pôde emanar dos esforços e zelo de todos os homens de intelligencia ligados ao christianismo. Incumbe portanto aos verdadeiros artistas, aos artistas intelligentes, como fizeram aquelles philosophos a respeito dos dogmas, expurgar a parte musical profana, e indigna de nossas igrejas, que introduzirão os que, por falta de fé e de sciencia, compozêrão obras destituidas da dignidade e pureza convenientes á santidade da religião catholica.

Quantas vezes não tenho presenciado, nas igrejas, a liberdade que os organistas tomão de tocar passagens da *Norma*, de *Macbeth*, de *Lucia* e de outras operas! Que se dirá disto? Nada, porque tudo o que se dissesse não seria bastante para reprová-los. Pela minha parte declaro que, professando a musica, fujo das festas sollemnes, e só vou ás missas resadas: tal é o desgosto que me inspira ouvir ao pé de mim, como por vezes tem succedido, dizer: — « Repare; é um trecho de *Macbeth*; a proposito, como achastes hontem no theatro de *... a prima donna?* » E assim se encadeia as perguntas e as respostas, esquecendo os interlocutores o lugar em que estão, e sahindo com o pensamento occupado de cantores, dançarinas, etc.

Ninguem creia que pôde vir a ser grande artista o que se limitar simplesmente á musica; o espirito cultivado, a boa educação, a leitura dos

escriptos eruditos, as obras primas da litteratura, tudo isto alimenta as artes, eleva a alma, vivifica a imaginação. Então a sciencia e o genio, auxiliando-se reciprocamente, produzem o grande artista, e obras immortaes: Para as composições religiosas, a lição das mais notaveis obras de Bossuet, de Massillon, de Fénelon, de Chateaubriand, dará ao artista toda a elevação de alma, toda a nobreza de coração, e o disporá perfeitamente para estrear musica sagrada.

Se algum se persuade que as artes degenerão, engana-se; quem degenera são os que de artistas só têm o nome, e que desprovidos de profunda sciencia, de educação conveniente, se lançãõ á parte mecanica e superficial da arte, rebaixando-se ao nivel da sua insufficiente mediocridade, e materializando uma das artes mais sublimes.

Mas, inda assim, nem a todos se ha de pôr a culpa, pois que muitas vezes procede de seus pais, que um dia tiverão a lembrança de dizer: — « Que hei de fazer de meu filho? Não presta para nada; é preguiçoso, não tem habilidade para uma occupação grave; façamol-o musico. » — E, sem mais nem menos, o fazem arranhá-lo n'uma rabeça, ou mais geralmente dedilhar no teclado de um piano. Ao cabo de alguns annos de estudo, se tal nome merece o simples conhecimento das notas e poucos mais accessorios, ensinados por um mestre de clarinete ou por um rabequista cego (porque todos assentão poder dar lições de piano), consegue o rapaz, já adulto, tocar duas ou tres peças mais ou menos limpamente, chama-se artista, e julga no auge da sua fatuidade os que estão muito acima d'elle, cujo saber disputa, e isto naturalmente, porque a mediocridade nunca poupou os talentos eminentes. Chega a dar lições; ignorante elle proprio dos principios, e a final vem a ser mui conhecido.... em sua casa.

O estudo profundo e consciencioso, a applicação continua da theoria combinada com a pratica formão o homem. Sómente pela grande experiencia das cousas e por elevadas meditações, chega um homem a ser senhor de si e a poder contar comsigo, quanto é dado á um ente mortal. — Entre os verdadeiros artistas não deve existir senão uma nobre emulação. Esqueçamos portanto o rasteiro ciúme e a inveja de torpe catadura: e congratulando-nos todos, como filhes da grande familia, consagremos nossos trabalhos nesta arte divina — *Para maior gloria de Deus.*

ANTONIO DE KONTSKI.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 19.)

A peleja fôra renhida e custára aos Francezes muitas vidas; cumpria, pois, mandar alguns officiaes ao interior da França, recrutar soldados.

Henrique foi um dos escolhidos. No desempenho desta commissão teve de entrar em uma pequena villa, situada em uma serraia perto de Bagno

res, e ali lhe fugiu um moço que pouco tempo antes tinha alistado. Não querendo poupar meio algum de descobrir o desertor, foi elle mesmo explorar as montanhas com um piquete dos seus soldados. Não houve cabana nem toca que elle não examinasse, e descobrindo ao longe uma casinha de aspecto agradável, para ali se encaminhou com igual designio. Fôra da porta estavam sentadas duas mulheres vestidas de luto, á sombra de um grande castanheiro; pareceu que á vista de Henrique as deixára mui perplexas; enquanto a mais velha das duas procurava deter a ontra, approximou-se Henrique, e esta lhe perguntou com certo ar de inquietação o que ali o levava.

— Nada receeis, senhorita, respondeu-lhe Henrique; não vos daremos grande incommodo, e curta demora teremos; andamos no alcance de um desertor, e devemos pedir-vos permissão para dar busca em vossa casa.

— E' justamente o que eu suspeitava, respondeu a senhorita, e por isso mesmo desejo falar-vos a sós! Poupar-vos-hei o trabalho de dar busca, acrescentou ella tremendo, confessando-vos francamente que está o moço occulto nesta casa; não será porém cousa fácil descobrir o logar em que se occultou.

Henrique, como não entendesse o sentido em que ella dizia estas palavras, respondeu-lhe promptamente:

— Não é minha intenção deixar de pagar o premio que em casos taes se costuma dar.

A moça olhou para elle com ar de indignação, as faces corarão-se-lhe. Apoz uma outra pausa, disse-lhe:

— Pego-vos da palavra, e bem que me não entendesseis, exijo um premio alto.

— Qual é?

— Á liberdade do moço!

— Oh! disse Henrique sorrindo-se, é isso exigir muito, minha amavel menina! O vosso amante deve entregar-se, aliás mando já dar busca, e talvez que o leve a elle e a sua Dulcinea tambem!

A moça recuou alguns passos, e disse-lhe com altivez:

— Nenhuma relação tenho com o desertor. Se contei mais do que devêra sobre a vossa generosidade, a culpa não é minha, sim delle, que muito elogiou a vossa humanidade.

— Não sou por certo deshumano; mas neste assumpto não me é permitido seguir os dictames do meu coração; tenho de obedecer aos meus deveres, e de lembrar-me sómente do bem da minha patria.

— Muito bem, respondeu a moça, se é isso o que tendes em vista, cedo vos convencerei de que a patria carece tanto de bons cidadãos como de bons soldados! Referiu-lhe então o como o moço incorrerá no odio dos magistrados, procurando resistir á sua oppressão; como elle e sua familia tinham ficado por isso reduzidos á pobreza; e como, tendo já dous irmãos no exercito, o queria agora arrancar dos braços de sua velha mãe, a quem sustentava com o suor de seu rosto, sómente para satisfazerem o seu insaciavel desejo de vingança. Descreveu-lhe com

lagrimas nos olhos a miseria da mãe, e concluiu assegurando-lhe que se não tivera elle por acaso vindo ali, o teria ido procurar para pedir-lhe de joelhos a liberdade do infeliz moço.

— Julgo que tendes razão; tornou Henrique depois de ter estado por alguns momentos pensativo; mas entregaráo-me publicamente esse rapaz, e eu não posso nem devo ser conivente na sua fuga.

— Mas eu sei como isso se pôde remediar, respondeu a moça. Suppnhamos que acha dous substitutos: ainda ha pouco me assegurou elle que conhece muitos rapazes que de bom grado se alistarão, dando-se-lhes um bom premio.

— Se puder achar dous homens para dar por si terá a sua baixa immediatamente. Mas se elle é pobre, onde irá buscar o dinheiro para lhes dar? Supponho que no cofre da sua amavel madrinha!

— Não, por certo, tornou a moça, arrasando-se-lhe os olhos de agua, eu nada posso fazer. Sou ainda mais pobre do que elle; comtudo, li-sonejava-me com a idéa de que o dinheiro de que carece poderia elle haver de vôs.

— De mim? exclamou Henrique. O dinheiro que tenho commigo é do rei, e não posso dispor delle a meu alvedrio.

— Não era com esses fundos que eu contava, respondeu ella timidamente. Dissirão-me que ereis rico e generoso; para aquelles que têm coração e meios, julgo que podemos appellar com confiança.

Henrique olhou para ella com a maior surpresa, e perguntou-lhe:

— Se eu der o dinheiro; quem me garante que o moço não fugirá com elle, rindo-se de mim?

— Eu! respondeu a moça. Se confiei em vós, não tenho tambem algum direito á esperar que confieis em mim? Concordai no que vos proponho, acrescentou ella estendendo-lhe a mão.

Henrique apertou-a com signal de consentimento, olhou por muito tempo com emoção para os seus olhos negros, e disse-lhe:

— Confio em vós! Eis a minha bolsa, dai-a a esse moço, e mandai-o vir á minha presença; mas que nem uma palavra me diga acerca do que entre nós acaba de passar-se.

Henrique despediu-se e pediu permissão para voltar outra vez á tranquilla habitação desta amavel moça, cujos olhos estavam arrasados de lagrimas de gratidão.

Saint-Lorent não esteve ausente muito tempo; passados tres dias voltou á solitaria morada e foi recebido com bondade. O dia estava calmoso, e sentindo-se fatigado do passeio, pediu um copo de vinho. A moça mostrou-se um pouco perturbada, olhou para a velha, e entrou para o interior da casa com as faces mais rubras que o carmim. Depois que se foi começou a velha a fallar: — Pobre menina, disse ella, não sabe como desculpar-se por não ter em casa vinho para dar-vos, pois todo o que tinhamos beberão os vossos soldados quando aqui estiverão. Vedes tudo arranjado com elegancia, mas perdemos o nosso bemfeitor; e achamo-nos reduzidas hoje a

um estado de pobreza a que não estávamos acostumadas.

Mal acabou de fallar, entrou a moça com um copo de leite.

— E' este o nosso vinho! disse-lhe ella sorrindo-se.

Henrique bebeu-o com avidéz, e assegurou-lhe que era mais delicioso do que o vinho. Referiu-lhe então que o moço tinha sido fiel á sua promessa, e que havia dado dous homens por si. Fallou-se outra vez na aventura do deserto, e assim passarão as horas velozes, até que assomou a noite, qual hospede mal-querido.

Mira, era esse o nome da moça, foi buscar algumas fructas para a cêa, e a velha aproveitou de novo a sua ausencia para repetir o que já tinha dito ácerca de sua desgraçada posição. Henrique, cobrando animo, aventurou-se a dar-lhe uma bolsa cheia de ouro, que ella aceitou como empréstimo, segundo disse, e convidou-o a jantar no dia seguinte, promettendo dar-lhe alguma cousa mais substancial. Quando Mira voltou, disse-lhe a velha que tinha convidado Henrique para jantar.

— Na verdade, senhor, tornou Mira, não devíamos convidar-vos, a menos que não gosteis de uma comidô mui frugal.

— Deixai isso por minha conta, disse a velha; eu vos asseguro que nada ha de faltar.

Henrique repetiu muitas vezes as suas visitas, e não tardou em conhecer que só era feliz

quando estava na habitação de Mira. O formoso jardim que a cercava, e o elegante arranjo do interior, tornavão-a uma residencia agradável, e attestavão o gosto de sua possuidora.

A indigénia em que então se achava parecia ser de curta data. Henrique, á medida que ia conhecendo mais de perto o objecto do seu amor, não podia deixar de admirar o seu talento e a sua variada instrução.

A maneiras, da maior simplicidade e pureza, unia ella vasto conhecimento dos diferentes ramos das sciencias. Dizendo-lhe elle um dia quanto o tinha surprehendido achar tantá instrução em annos tão verdes e em pessoa tão retirada do mundo, começou ella a fallar com enthusiasmo do seu bemfeitor. Ah! accrescentou ella, a ninguém tem causado tantos males esta horrível guerra, pois me deixou desamparada e só sobre a terra!

Mas Henrique jurou em segredo que não ficaria ella desamparada, porque neste valle solitario tinha elle experimentado, pela vez primeira, a sensação de amor.

O tempo que devia demorar-se em Bagnères estava quasi a expirar, e todos os dias esperava elle ordens para reunir-se ao exercito. Soccorros pecuniarios não podia elle deixar-lhe, que nem mesmo a velha os queria já aceitar, e o tímido Henrique não ousava confessar a Mira o amor que lhe consagrava.

(Continúa.)

POESIA.

ARARIBA'.

POESIA AMERICANA.

Eu sou filha das florestas
Da formosa Guanabara;
Tenho o semblante moreno,
Minha belleza é mui rara;
Minhas roupas são das pennas
Do Grunhatá e d'Arára.

Meus cabellos são mui negros,
Lustrosos como o setim;
Têm meus olhos, côr da noite,
Um luzir que não tem fim;
Tenho nas faces, nos labios,
Linda côr do (*) Camboim.

Lá no centro das florestas
Quando começo a cantar,

Vêem — jovens — lindos guerreiros
Junto a mim se ajoelhar;
Todos elles são vassallos
Que tem feito o meu olhar.

E na *taba* dizem todos
Que eu sou filha de *Tupá*;
Que som mais suave e terno
Do que o meu canto não ha!...
Que não ha mulher mais bella
Que a formosa Araribá!...

Todos ali dão-me fructas,
Dão-me flores de mil cheiros,
Vêem enfeitar minha rede
Com as palmas dos coqueiros!...
Tecem-me lindas capellas
De flores de cafezeiros.

(*) Camboim, fructa do Brasil de côr vermelha.

E — bem sei — que sou mui linda,
De mim mesma sou avara:
Quem podéra ver meu rosto,
E logo me não amára!...
Eu sou filha das florestas
Da formosa Guanabara.

Tenho boré e tucupe,
Como a corsa sou ligeira;
E minha setta emplumada
Se do arco é despejada,
Lá vai á caça certa.

E se alguma imiga tribu
Vier a minha offender,

Hei de marchar á pelega,
Jámais me vereis correr;
Eu sou filha de guerreiros,
Hei de a pé firme morrer.

Quando me ataca o jaguar,
O feroz tigre, a irára,
Nunca tremer me vereis,
Nem hei de voltar a cara;
Que eu sou filhá das florestas
Da formosa Guanabara.

1854. 5 de Maio.

Leonor G***

CORREIO DOS SALÕES.

Dilim! Tindilim! Dilim! Tindilim!.....
Correio! Correio! O Correio dos Salões, senhoritas: ainda agora mesmo chegou!

Vamos ás noticias! venhão as cartas!
Olá, se vamos. Mas... um instante, senhoritas, um instante, attendei-me:

Não sou correio de cartas; isso é velho, e tem custado muito a pôr a bom caminho. Como sou por natureza excessivamente curioso, não posso haver-me com papéis reservados, e sobretudo lacrados. Estou prompto a saracotear toda a cidade em busca de D. Mariquinhas, que nunca conheci, ou do primo Chiquinho, que ha muitos annos foi meu companheiro de escola e o perdi de vista; não duvidarei mesmo redigir, conforme puder, para serem melhor entendidas, as noticias que me derem; as novidades que me contarem; mas — de boca — sómente; por escripto, nada — absolutamente nada; a não ser papel aberto que eu leia de principio a fim tudo quanto mandarem dizer.

Don recados, noticias e flores:
Deus me livre de cartas d'amores!
Vivo alegre chocalhando assim...
Tindilim, Tindilim, Tindilim!

Vou andando men caminho, depois de feitos os cumprimentos. Vejamos o que de bom trago nesta mala.

Cá está um cravo branco com o leteiro — para Nhandas — ignoro o contendo. Vem muito murcho para servir entre os cabellos da bella: gaveta com elle, que é o maior obsequio que se lhe pôde fazer, se é que a condicão é de mostrar-o em tempo determinado ao pobre babão.

Esta rosa-Alberto, secca — com direcção ao nono par da quinta quadrilha do baile campestre.... Os anjos que lhe respondão.

Aqui está um bilhete de visita com as iniciaes R. C. M., e este bonito quaderno de musica — o Bouquet das Pianistas. Conheço esta publicação

musical ha mezes; tem dado bellas composições para canto e piano, e esta é uma dellas (tambem entendo da materia) cujo titulo é bem empregado — *Suspiros da minh' alma*. — Um! Que poesia! Como falla commigo este titulo... Vamos, Sr. Correio dos Salões, vamos para adiante. E' um improviso do Sr. Geraldo Antonio Horta, dedicado á Illma. Sra. D. Maria Leopoldina Navarro; yem com direcção á Redactora em chefe do *Jornal das Senhoras* o presente.

Este Sr. Horta, pelo que tenho visto de suas muitas produções, é um nascente e bello talento musical que deve ser aproveitado. Ouso recommendar-vos, senhoras, as composições deste joven pianista, e ainda mais — que sejais assignantes do *Bouquet das Pianistas*.

Cá está mais outra composição do mesmo autor — *Sonho das Fadas*. — Esta quadrilha distribue-se com o *Jornal das Senhoras*; deixo a decisão do seu merecimento ás suas mimosas assignantes.

Este escripto com privilegio de annuncio. — « Temos na rua do Ouvidor n.º 91, em casa do Sr. J. J. F. Coelho, mui bonitas musicas; encontra-se entre ellas a *Marcha funebre* aos restos mortaes do Conselheiro José Clemente Pereira, por Nolte — *Como é bella a minha Patria*, musica para canto, por João Cyrillo Moniz, as quaes merecem a sua attenção; sei que é amador, venha vel-as á esta sua casa. » Muito obrigado, meu senhor, pela sua delicadeza; por ora estou com uma unha n'um pé... que me faz ver os lampões de gaz todos apagadas em noite de chuva!

Aqui vem, nesta folha de papel assetinado, um voto de agradecimento ao Sr. Barão de Mauá, de todas as senhoras que por este cavalheiro forão obsequiosamente tratadas na festa da inauguração da estrada de ferro. Aproveito a occasião, e addiciono-lhe os meus agradecimentos tambem, não obstante ir ficando lechado dentro da carruagem, por mais que gritasse que me abrissem a porta.

Passei por um lugar, onde ao portão de uma linda chacara estavam sentadas para cima de vinte senhoras, que pela conversação me parecerão todas ciumentas de mão cheia; estas senhoras queixavam-se amargamente da mudança das horas da viagem a Petropolis pela estrada de ferro, e dizião umas ás outras com uns olhos.... ah!... se a Directoria os visse, havia de lhes dar razão... « Ora está claro que partindo a barca da cidade ao meio dia e voltando de Mauá ás nove horas do dia seguinte, os nossos maridos, que são negociantes e Empregados publicos, não poderão passar as noites em Petropolis, quando lá estivermos, sem perderem um dia e quasi dous das suas occupações, o que por certo não aconteceria se a barca, como mui bem foi determinado, partisse de cá ás tres horas da tarde, e de lá para cá ás oito horas da manhã; era conveniente para todos, e a companhia lucraria muito mais, porque teria toda a preferencia a estrada de ferro; mas assim!... antes a viagem da Estrella, nos carros allemães, que ao menos é dez tostões mais barata que a outra. Quem sabe (dizão ellas) se estas mudanças não são estrangeirinhas feitas pelos nossos *Adãos* para nos deixarem ficar lá sósinhas?... Ah! que tyrannia! »

E ainda ficarão dizendo mais cousas, que não pude ouvir, por ter pressa, e chegar em tempo de assistir á estrêa dos cantores Ferranti e Arnaud, cujas pessoas nem de vista as conhecia; mas fiquei conhecendo. — Um faz tudo quanto pôde, e o outro faz muito, porque não pôde; por outra: o Sr. Ferranti canta, pula, e brinca na scena com graça; o Sr. Arnaud é homem serio, pesado, não é de graças, dá conta do seu recado e retira-se: é um destes muitos cantores que os cegos lhe apreciarião a voz, e a platêa, de costas para elle, nada perderia. Não sei se me explico mal.

Aqui tendes, leitoras, mais uma novidade escripta a lapis nesta meia folha de papel, por uma pessoa muito vossa conhecida, e que está, como eu, admirada do como vai *suave* o presente anno de 1854! Antigamente prendião-se os homens para casarem, mas hoje são presos para não cahirem nessa. Em Nictheroy deu-se este caso ha dias, com um moço, segundo me contão, devorado por uma paixão cega por certa menina, que em pontos de amor tambem não lhe ficava atraz! Ora, se isto assim é, que pena não unirem estas duas creaturas cujo crime é só amor...!

Se o projecto passa a ter força de lei, leitoras, desde já revoltai-vos contra tão absoluta usurpação do vosso mais exclusivo direito. Preso por

amor...! Quem, senão vós, será capaz de tanto? A cadeia de amor não tem aspéros e grosseiros ferros, grades negras e duras; quartos humidos e sombrios; não ha nada disto por lá, segundo contão os que já têm estado nessa prisão e andão soltos com alvará de fiança: a cadeia de amor, não forão homens que a construíram, foi a Divindade Suprema quem a creou, e o que é de Deus é sempre bom. Emanação celeste, encantos da vida, feitiço, mandinga ou tentação, a cadeia de amor pertence-vos de direito, Senhoras; é bem dentro do vosso coração, sob a guarda vigilante de vossos olhos apaixonados, que ella existe, mais forte e segura, que essas nauseabundas masmorras onde o ouro corrompe tudo corrompendo antes e delinquente.

E de mais, leitoras, se não acudis em tempo á guarda dos vossos direitos,

Dos que votão puro e santo
Amor terno e constante,
Tremendo a cada instante,
Coitadinha, que será?!

Mudemos de assumpto, e vejamos este ontro papel dobrado.... Já sei: é a lista dos hailes do mez: temos o *Campestre*, *Vestal*, e depois a *Sylphide*. O *Cassino* reserva-se para mais tarde, e o mundo elegante atavia-se para lhe fazer a corte, concorrendo entretanto a embellezar algumas reuniões e hailes particulares dos poucos que tem havido.

Apezar de ser infeliz na dança, porque tonteio ou erro as marcas; no jôgo mysterioso dos olhos, porque uso de oculos; na conversação, porque sou feio como um Tamanduá, e de mim as bellas, com toda a razão, fogem para os *dandys* de bigode engommado; contudo, gosto dos bailes, e não posso deixar de aconselhá-las aos que são feios como eu, porque confesso que é onde mais facilmente me esqueço disso, e d'onde volto sempre satisfeito e contente: assim ao chegar á casa o meu maldito espelho me não destruisse as bellas illusões em que venho embebido.

Leitoras, a mala não tem mais nada por hoje; se as noticias vos não agradarão, a culpa não é minha. Teuho apenas os pontos e virgulas e alguma palavrinha aqui e acolá; porque bem sabeis que não se pôde contar um conto sem acrescentar um ponto: tudo o mais mandarão-vos dizer pelo *Correio dos Saões*, o qual submette-se desde já a qualquer pena ou censura, recebendo o castigo de vossas delicadas mãos com a devoção que sempre vos dedico e ha de dedicar o

Bejamin.

BOLETIM DOS THEATROS.

Sabbado, em Santa Thereza (theatro de Nictheroy), representou a companhia de S. Pedro (theatro do Rio de Janeiro) *O Tecelão*, ou Um Dia de Soberania.

Domingo, em S. Pedro, representou-se o *Othello*, ou o Mouro de Veneza.

Segunda-feira, no theatro de S. Francisco, em beneficio de Mr. A. Labbée, regente da orchestra, a antiga companhia franceza representou: — E. H. *Comedie-Vaudeville en 1 acte*. — *Clemon*, ou *la femme d'artiste*, *comedie-vaudeville en 2 actes* — *Ma femme et mon parapluie*

La parapluie sera mis en loterie, vaudeville en 4 acte.

Terça-feira, no Provisorio, á vista da grande concurrencia, e estrondosos applausos, a Directoria decretou que se repetisse ainda o *Elixir*.

Quarta-feira, em S. Pedro, foi transferido *Os Seis Degraos do Crime*, por causa do máo tempo.

Quinta-feira, em S. Pedro — *A Pobre Mãe*, e as portas trancadas no Provisorio; em consequencia do adocimento da Sra. Cayroli, que relaxou o estreamento da Sra. Casaloni, na *Cenentola*.

— Então, Sr. *Tympano*; de nada mais sabe, respeito ao lyrico?

— Sim, minhas leitoras, fizestes bem interrogando-me, pois que ia-me esquecendo o triumvirato das senhoras Candiani, Jacobson e Castrup, na terça-feira, na Igreja de S. Francisco de Paula, em sua solemniissima festa.

Oh! Que epocha de arromba temos tido!... Ha muito que se não reúne tanta brincadeira para o nosso povo insaciavel de folia!.... Espectaculos em portuguez, francez, italiano..... Abertura das camaras, com a logração dos diguissimos representantes do Norte..... Gaz acceso de noite pelas ruas e praças... chaminé á toda a hora no gozometro, da altura das torres dos Clerigos, e observada sem luneta do cume dos Alpes.... Estradas de ferro e carros a vapor em Mauá..... Novos charafizes embaldeirados deitando agua e foguetes... Festas de igrejas com duetos tercetos, quartetos e operas lyricas.... Guerra dos Turcos com os Russos, intervindo a França e a Inglaterra.... Formidavel temporal na noite do dia 8.... A festa do Divino nos batendo á porta com o indispensavel fogo, e as competentes barraquinhas!...

Que pagode,
Que folia
Para a vida
Da nação!
Bem dizia
Minha tia
Que era tempo
De funcção!
Longo esteja,
Brasileiras,
De vós todas
O demonio,
Nas futuras
Brincadeiras
Das fogueiras
Do patusco
Santo Antonio!

— Mas, Sr. *Tympano*, explique-nos o nexo que têm toda essa sua miscellanea com o *Boletim Theatral*.

— Ora essa!... Pois as senhoras não advinão que para fazer-se esses versiculos é necessario uma veiasita poetica, e que o *Tympano* sendo, como é, amantetico das musas, ha de por força divágar um poucachito?...

Cuidarieis no emtanto que eu estaria na ordem, noticiando-vos a chegada da *Ida* á Gibraltar, e no emtanto essa *Ida* que cuidarieis a *Edelvira* — era um navio mercante, que lá foi ancorar no dia 14 de março!!

Vou-me chalandando para o Provisorio, que hoje é com effeito a estréa da Sra. Casaloni: os Santos da córte do Céu a ajudem, e a mim não desamparem, para ouvil-a com toda a minha attenção.

O *Tympano*.

A felicidade entre dous.

Dous amigos de genio diverso conversavão um dia acerca das suas occupações e de seus projectos. Um delles, vivo e ambicioso, contava com valor tudo quanto havia intentado, todas as viagens que havia feito, todos os expedientes que tinha imaginado para preencher o vacuo immenso de seus desejos, todos os projectos de engrandecimento que lhe haviam falhado; e concluiu com estas tristes palavras: « Oh! meu amigo, quanto é difficil ser feliz! »

O outro, mais moderado, tambem lhe contou que se havia costumado a viver de pouco, a cultivar o seu jardim, a governar bem a sua familia dando-lhe bons e edificantes exemplos; a

pôr um freio a seus desejos; e acabou com estas palavras, olhando para o outro com ternura: « Ah! meu amigo, quanto é facil ser feliz! »

Hoje damos aos nossos assignantes a 2.ª, 3.ª e 4.ª contradanças da quadrilha que lhes offerecemos domingo passado, intitulada SONHO DAS FADAS, sómente com a 1.ª e 5.ª contradanças. Agora está a quadrilha completa; mas resta-nos pedir desculpa do engano que houve na publicação intitulando-a LAGO DAS FADAS, no artigo que fizemos.

Acompanha este n.º 20 uma linda quadrilha de contradanças, intitulada — *O Sonho das Fadas*.

